

ISBN-13: 978-987-27772-2-5

Título: Actas del I Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre Cuerpos y Corporalidades en las Culturas

Editorial: Investigaciones en Artes Escénicas y Performáticas

Edición: 1a Ed.

Fecha publicación: 8/2012



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución-CompartirIgual 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/).

NATUREZA, PAISAGEM E CORPOREIDADE: NO CAMINHO DE UMA ASCESE ECOLÓGICO-RELIGIOSA

Carlos Alberto Steil
Isabel Cristina Moura Carvalho
Erica Onzi Pastori

O Rincão Gaia, sede rural da Fundação Gaia, apresenta-se como uma paisagem particularmente propícia à observação dos entrecruzamentos entre ecologia, religião e saúde. A escolha do nome Gaia, por seu fundador, José Lutzenberger, já nos remete a uma das referências fundantes do movimento ecológico contemporâneo, a hipótese Gaia, de James Lovelock, a qual aproxima a mística ecológica das ciências da terra. Da mesma forma, o entrelaçamento da ecologia com a saúde, no Rincão Gaia, aparece associado ao lugar desde sua constituição, como um contínuo processo de *restauração ambiental*. Uma área inóspita, que, após sua utilização intensiva como pedreira, foi abandonada na condição de terreno exaurido em termos geológico e paisagístico.

A partir da observação participante e de entrevistas com profissionais da Fundação e participantes em atividades de sensibilização e educação ambiental, foi realizada uma pesquisa etnográfica no Rincão Gaia durante um ano e meio, entre 2008 e 2009, como um recorte do projeto mais abrangente de pesquisa “O Cultivo de si nas paisagens da ecologia e do sagrado”. Assim, no campo empírico, acompanhamos os indivíduos e grupos que freqüentaram o Rincão Gaia, observando as múltiplas formas pelas quais estes associam a ecologia à religiosidade, o conhecimento à experiência corporal, o *self* ao ambiente, o interno ao externo e a mente ao corpo. Em termos teóricos, buscamos dialogar com o paradigma da corporeidade, de Thomas Csordas, num intento de avançar para uma abordagem ecológica, articulando o conceito de corpo com o de *carne do mundo* – presente na obra póstuma de Maurice Merleau-Ponty, *O visível e o invisível* – o que nos permitiu formular a noção de paisagem em consonância com a de *corporeidade* como o *solo existencial da cultura*.

Este deslocamento do corpo para a paisagem se expressa em muitos momentos empíricos e em relatos que apontam para a experiência de comunhão entre o corpo humano dos participantes das

atividades e o corpo do mundo, entre o humano sensiente e o mundo sensível, retratados de forma exemplar na paisagem restaurada do Rincão Gaia. Enfatizamos, assim, a noção de paisagem como uma totalidade dentro da qual todos os seres sensíveis estão inseridos, inclusive o corpo humano. Como afirma Merleau-Ponty, a percepção está no início da constituição dos sujeitos que se percebem como objetos entre outros objetos, operando, assim, uma inflexão no interior da fenomenologia que estivera até então restrita à consciência.

À contribuição de Csordas e Merleau-Ponty, acrescentamos a de Tim Ingold (2000), destacando o seu conceito de paisagem, que, partindo da fenomenologia de Martin Heidegger, propõe uma antropologia ecológica, fundada sobre a percepção. Sua perspectiva teórica re-equaciona a dicotomia natureza/cultura, introduzindo os conceitos de *taskscape* e paisagem. “*Task* é definida como qualquer operação prática efetuada por um agente habilidoso em um ambiente, como parte de sua atividade normal de vida. Em outras palavras, *tarefas* são os atos constitutivos do habitar” (INGOLD 2000, p.195), e o conjunto de tarefas, em seu mútuo entrelaçamento, é a *taskscape*. Já a paisagem, “como um todo, deve ser entendida como a *taskscape* em sua forma incorporada: um padrão de atividades ‘colapsada’ em um arranjo de características” (INGOLD 2000, p.198).

É importante ressaltar, neste sentido, que a paisagem em Ingold tem uma temporalidade própria e é gerada por um processo de incorporação na materialidade do ambiente às práticas de agentes – humanos e não-humanos – dotados de habilidades. Desta maneira, Ingold nos permite perceber a fluidez da paisagem. Assim, baseados nos aportes epistemológicos e teóricos destes autores, procuramos compreender neste texto as experiências dos sujeitos que encontram no Rincão Gaia um lugar privilegiado de acesso e reforço de suas crenças ecológicas e uma resposta ao seu “mal-estar civilizacional” urbano, que encontra na idealização de uma vida natural o seu ponto de fuga e de crítica ao *status quo*.

1- O Rincão Gaia e a paisagem ecológica como cura da Terra

Em Pantano Grande, a 120 km da capital do estado do Rio Grande do Sul, localiza-se o Rincão Gaia, sede rural da ONG Fundação Gaia, criada no ano de 1987 pelo engenheiro agrônomo e ambientalista José Lutzenberger. Pensada como um lugar exemplar de recuperação e cuidado com o

ambiente, o Rincão se apresenta hoje como um espaço educativo singular que associa a experiência de imersão de sujeitos ecologicamente orientados com programas de cursos de aperfeiçoamento para produção e consumo de alimentos agro-ecológicos. Ao longo do ano, passam pelo Rincão pequenos grupos que encontram nos cursos que são oferecidos no local uma importante fonte de reformulação de hábitos e estilos de vida. Como em muitos outros espaços que temos pesquisado, o Rincão se apresenta como um local que acolhe grupos que se formam em torno de temas específicos e lideranças ecológicas reconhecidas, com a finalidade de um aprimoramento de conhecimentos e vivências que articulam preocupações ambientais com exercícios de aperfeiçoamento pessoal e *espiritualidades do self*.

O Rincão Gaia, como centro exemplar, é evocado com frequência pelos agentes educacionais que organizam atividades no local. Está ali, à mão, o testemunho de um processo de regeneração de uma área degradada, ambientalmente destruída pela extração de basalto — cujo destino foi a construção de uma grande rodovia — para demonstrar que a degradação do planeta pode encontrar um destino regenerador. Como dizia Ana Luiza, bióloga e monitora do *Curso de Ervas Medicinais e Aromáticas*, na abertura do curso:

“interessante é vocês terem em mente que esse lugar aqui foi um local que sofreu muito com a degradação de pedreiras e, portanto, toda a paisagem que enxergamos, tudo que tem aqui hoje, de ornamentais, de medicinais, de pomares, de horta, não existia em 1987. Foi fruto de um processo que a gente chama hoje, em 2008, de *restauração ambiental*: ele restabeleceu a vida do Rincão” (Ana Luiza).

Essa agência da paisagem é um importante sentido que torna a Fundação Gaia um lugar privilegiado para a realização de cursos de educação ambiental e de oficinas temáticas que envolvem a expectativa de restauração ambiental. O Rincão, ao mesmo tempo em que é uma obra com nuances espetaculares atribuída à sensibilidade *sui generis* de seu fundador, é uma obra inacabada que contém uma abertura para sua transformação levada a cabo por novos agentes. Esta sensibilidade do fundador, incorporada na paisagem, é reiterada nas atividades educativas por meio da associação do Rincão com Gaia. De modo que ele é frequentemente percebido como a materialização ou um *exercício experimental* da hipótese Gaia, de James Lovelock. Os deslocamentos da hipótese Gaia para o Rincão, e vice-versa, são recorrentes nas falas de nossos interlocutores. Assim, se a hipótese Gaia, em linguagem metafórica, permite compreender o Rincão, este, por sua vez, é utilizado como metáfora da possibilidade da *cura de Gaia*. Continuando a sua narrativa, Ana Luiza lembra a seus

alunos que Lutzenberger, ao recuperar a área inóspita do Rincão, foi um pioneiro no cuidado da ferida em Gaia, e, depois dele, todos são conclamados a dedicarem-se à mesma tarefa.

“O Lutz costumava dizer que o Rincão era uma grande ferida na superfície da Terra, e quando a gente tem uma ferida o que a gente faz? A gente tem que tratar, passar um mertiolate, passar um antiinflamatório para que essa ferida se recupere. Então o que ele fez aqui, nessa ferida? Ele tratou, cuidou dessa ferida, não é? Ele curou essa ferida e então isso aqui se restabeleceu, a gente tem um ambiente completamente saudável de novo. Eu gosto de fazer um pouco essa analogia para ilustrar o significado de Gaia”. (Ana Luiza)

A questão do cuidado se apresenta como um conceito central no discurso reiterado nas atividades de educação no Rincão, que se apresenta como a utopia realizada de um planeta a ser recuperado de suas feridas e suas dores. Lutzenberger ocupa, assim, a posição exemplar de mediador e salvador do planeta, e é apresentado aos sujeitos em busca de orientação ecológica como um precursor a ser seguido. Embora tenha sido um cético em termos religiosos, a linguagem que será usada para definir seu papel na economia ecológica de restauração e cuidado com o ambiente será eminentemente religiosa. Assim, Lutzenberger acaba sendo depositário de atributos que, geralmente, são dispensados a líderes religiosos. À revelia de sua posição intransigente de defesa da ciência em contraposição à crença, sua morte o consagra, conferindo-lhe um sentido de exemplaridade e uma aura sagrada.

2 - As trilhas interpretativas: aprendendo a ver e dispor a atenção para o espaço e o tempo da paisagem

As atividades de educação ambiental e as vivências realizadas no Rincão Gaia, geralmente, incluem uma trilha pelos lugares que demarcam sua exemplaridade em termos da recuperação das vicissitudes de uma paisagem recriada pela ação humana em associação com a força e o agenciamento da natureza. As trilhas são constituídas pelo movimento de corpos humanos se deslocando pelos caminhos traçados no espaço e pelas narrativas dos monitores, que preenchem com sentidos humanos os silêncios da paisagem. Aquém dos objetivos específicos dos cursos e das vivências ministradas – culinária, saúde, ervas medicinais etc. – há um enredo na paisagem do Rincão Gaia que acaba modelando a sensibilidade e a apreensão dos ideais e valores de ecológicos, que são incorporadas pelo engajamento dos participantes na paisagem envolvente.

As trilhas interpretativas são práticas bastante conhecidas e utilizadas no contexto da educação ambiental (Carvalho, 2003). Elas conectam a experiência de imersão no ambiente com as crenças e aspirações que as pessoas trazem para o ambiente. Um processo de aprendizagem que encontra no corpo e na paisagem circundante o seu solo privilegiado. No caso do Rincão Gaia, as trilhas entrelaçam as experiências dos participantes dos cursos com a história do seu fundador e do próprio narrador. Elas são um recurso privilegiado, por meio do qual a atividade pedagógica dos educadores ambientais torna plausível o ideário ambiental de recuperação e preservação de espaços degradados pela ação inconseqüente dos seres humanos. A imersão nessa paisagem propicia uma experiência sensorial com o lugar, estabelecendo uma comunhão entre os corpos, as árvores, as ervas medicinais e aromáticas, as flores, os animais, as casas e os lagos. Cria-se, assim, uma certa continuidade entre os corpos humanos e a paisagem que os abarca numa totalidade que é narrada por meio das múltiplas histórias do local, contadas pelos educadores e endossadas pelos depoimentos dos visitantes.

Há, portanto, nestas narrativas uma pedagogia que é reiterada nos vários cursos e oficinas oferecidos no Rincão. Esta modalidade pedagógica nos remete ao que Ingold chama de “educação da atenção” (Ingold, 2004). Neste caso, uma educação que busca desenvolver nos participantes dos cursos e oficinas uma sensibilidade que procura conectar a paisagem com a ação dos artífices da regeneração e preservação do ambiente, cuja exemplaridade é encontrada no fundador do Rincão Gaia. Tomando como referência as atividades que acompanhamos no decorrer da pesquisa de campo, podemos observar este entrelaçamento entre a paisagem, o tema de reflexão proposto e a história de vida de Lutzenberger.

(passar as fotos)

3 - Os lugares na paisagem e as múltiplas formas de habitar o mundo

A varanda da Casa Comunal é o ponto de partida das trilhas. Em frente à imponente construção, imitando uma oca indígena, coberta de capim santa-fé, o pequeno grupo dos participantes dos cursos e oficinas se prepara para iniciar sua perambulação pelo Rincão Gaia. Vestimos nossos chapéus para a proteção solar, embalados pelas conversas entre nós e as orientações dos educadores. A primeira

parada é o *sombrite de plantas carnívoras*, onde somos apresentados a esta espécie híbrida, que, de certa forma, inverte uma suposta “ordem natural” do planeta, em que às plantas caberia dar-se em alimento, e aos insetos e mamíferos sorver-lhes a vida. Esta inversão de funções entre as plantas e os insetos não apenas fascinou o fundador do Rincão Gaia, que lhe conferiu um lugar de destaque na paisagem local, mas continua, ainda hoje, a atrair a atenção dos visitantes. Segundo o monitor Marcos, este *lugar das carnívoras*, designado como *sombrite*, foi inicialmente um presente que Lutzenberger ganhou de um amigo.

“O Xico Stockinger, que é um grande colecionador de plantas carnívoras, presenteou o Lutz com alguns exemplares, porque sabia que o Lutz gostava. Assim, elas foram se multiplicando porque o Lutz foi conhecendo e conseguiu interagir de forma bastante intensa com essas plantas. (...) é um dos ambientes que ele mais gostava de ficar e se dedicar”.

A partir destes pontos de interesse no espaço, onde marcadores como as plantas carnívoras ocupam um lugar privilegiado, os educadores ambientais vão apontando as *pegadas* de seu fundador na trilha que fazemos hoje. Aos poucos são indexados na paisagem nomes e feitos de pessoas que transcendem o lugar e nos remetem para a história do movimento ambiental no Rio Grande do Sul, entrelaçando a atividade ali desenvolvida com um processo mais abrangente de luta pela preservação ambiental que se inscreve neste lugar. O Rincão Gaia se torna, assim, o lugar habitado por uma memória que preserva na paisagem a continuidade de um tempo fugidio. Mas, se lugares estão lá em sua inteireza material, visível, tátil, a sua apreensão subjetiva passa pelo ato de contar histórias, de tecer com a imaginação o horizonte onde somos chamados a habitar e projetar nossa ação.

A narrativa humana, no entanto, é contrastada tanto com o silêncio das plantas, do lago, dos lugares ermos quanto com os sons dos pássaros, dos insetos, das águas correntes, que chamam a atenção para outras formas de habitar e apreender o mundo, que transcendem a dimensão dos significados e do narrado. Esta diversidade de existir, por sua vez, nos convoca ao cuidado em relação aos outros seres que habitam o ambiente, visíveis e invisíveis. Este cuidado, nos lembram os educadores ambientais, encontrou em Lutzenberger um apreço especial, expresso na diversidade de que se compõe a paisagem do Rincão Gaia. O cuidado requerido é muito mais o do respeito com os processos e movimentos de cada um dos seres, do que o da intervenção humana no seu curso natural.

É a agência dos seres, da natureza, do solo que é evocada nos ditos do presente e na imaginação do passado, deixando em segundo plano a ação humana coadjuvante.

A espiral de ervas, por exemplo, é uma *técnica* que, segundo os educadores ambientais, segue o ritmo da natureza, no caso, a forma em espiral, que utiliza menos espaço do que os canteiros retangulares. Além desta economia de espaço, ela possui a capacidade de criação de microclimas no decorrer dos contornos da espiral. Com mais sol em um dos lados e mais sombra noutro, é possível cultivar num mesmo canteiro ervas com diferentes exigências climáticas. Como participantes do curso de permacultura, observamos um *canteiro de ervas medicinais e aromáticas*, na forma de espiral, ao lado do *sombrite* das carnívoras. Identificamos no canteiro, com a ajuda dos professores de educação ambiental, lavanda, hortelã, sálvia, malva cheirosa e uma porção de outras ervas com propriedades terapêuticas e produtoras de prazer.

Os lagos, como os demais elementos constitutivos da paisagem no Rincão Gaia, possuem, além de uma funcionalidade ecológica, que é sempre comentada pelos professores nas trilhas, *funções estéticas*, ressaltadas no módulo de *Arte e Ecologia*. Contornando o lago, as azaléias rosas, brancas e alaranjadas foram presenças permanentes todas as vezes em que estivemos no Rincão Gaia, variando apenas a quantidade de flores e a intensidade das cores. Os canteiros que existem ao longo das trilhas do Rincão são apresentadas como composições paisagísticas funcionais para problemas do ambiente. Quando a pedreira encerrou suas atividades de extração do basalto, muito lixo ficou no ambiente, numa época em que não havia tecnologia suficiente para a reciclagem. Marcos, ao conduzir a trilha, lembrava-nos que, para Lutzenberger, era fundamental que os problemas com que nos deparamos no ambiente devem ser solucionados por nós mesmos, evitando deixá-los para as gerações futuras. Assim, o lago se apresenta como uma solução estética para um problema ético gerado pelo acúmulo de lixo deixado no local.

Com esta preocupação ética e estética, Lutzenberger fez pequenas crateras no solo, onde pôs o entulho, e as cobriu com terra e pedras, a fim de desenvolver um paisagismo composto por plantas de diferentes espécies que se alimentam de matéria orgânica em solo pedregoso. Assim, as cactáceas e as suculentas, que sobrevivem durante longos períodos de calor pela capacidade de armazenamento de grande quantidade de água. Os canteiros são compostos por plantas nativas e também exóticas. A

terra utilizada nesses canteiros é justamente a terra acidificada que a pedreira produziu, cujo solo é regenerado pela ação do tempo e das plantas na reciclagem desse solo e dos materiais deixados pela extração do basalto. A prática de canteiros é uma ação ecológica, elaborada a partir da idéia da reciclagem, com finalidade estética, na medida em que cria pequenas ilhas de grande beleza que envolve as pessoas nas trilhas interpretativas. Observamos as espécies que compõem esses canteiros de plantas incomuns e somos atraídos pela sua beleza, que conduz os visitantes a momentos de admiração e também de muitas fotografias.

A introdução de plantas exóticas no Rincão Gaia resultou de um cuidadoso estudo de Lutzenberger, atento às características da planta em questão e do ambiente, para discernir se tais espécies poderiam causar um desequilíbrio no ambiente pela competição com espécies nativas, sob o risco de se transformarem em espécies invasoras, ameaçando as nativas.

“Então aqui nós temos exemplos de embelezamento, de ajardinamento, plantas que se a gente encontrar de forma isolada no ambiente muitas vezes elas não chamam a nossa atenção, mas quando elas estão em conjunto elas formam ambientes de rara beleza. O Lutz, na época em que fez esses jardins, não se preocupava só com as plantas, ele deixou também algumas entradas, deixou algumas reentrâncias entre essas pedras porque ele pensava também futuramente em alguns ambientes para a fauna silvestre que pudesse vir se alojar e fazer ninhos. Então têm cobras que moram ali em baixo, roedores...” (Fala de Marcos durante trilha interpretativa)

Passados os lagos, que estabilizam a temperatura do ambiente e que controlam a proliferação de insetos e os canteiros criados para a reciclagem de materiais da pedreira, a trilha conduz o visitante às casas onde se hospedam estagiários e àquela onde Lutzenberger morava nos períodos em que passava no Rincão Gaia, quando vivo. Atualmente, esta casa é utilizada por suas filhas, Lara e Lilly, dirigentes da Fundação Gaia. É uma casa que não é aberta à visitação e, segundo o monitor Marcos, é muito simples, assim como o era Lutz. Ao lado das casas há outro lago de águas escuras, coberto por vegetação. Este lago é apresentado como uma matriz energética de grande importância para todo o sistema produtivo do Rincão Gaia. Ao referir-se a ele, Ana Luiza o denomina de *Caldo Primordial*. Sua origem é uma pequena cratera produzida pela extração de basalto, que tem sua função redefinida na paisagem ecológica do Rincão Gaia como detentor de uma força vital que engloba todos os seres que habitam este lugar.

As outras crateras que surgiram da extração da pedreira são hoje reservatórios onde é armazenada a água para consumo de humanos e de não-humanos. São importante fonte de vida as plantas, os pássaros, os animais e os humanos que compõem, na expressão cunhada por Lutzenberger e muitas vezes repetida pelos educadores ambientais, uma *sinfonia orgânica da vida*. Alice nos explica que todas as construções no Rincão foram postas nas partes mais altas do terreno – Casa Comunal, casa do Lutzenberger, casa dos estagiários, mais à esquerda o chiqueiro dos porcos e, ao lado, o galinheiro. O planejamento do Rincão incluiu um manejo dos ciclos e fluxos da energia no terreno.

“No tempo que o Lutzenberger estava vivo, aqui tinha uma produção animal bem grande de porcos, galinhas, gado leiteiro, então existia esterco em algumas áreas. Para cá ele direcionava algumas das águas que vinham da região da criação [...] e alimentavam as plantas aquáticas que precisam de bastante nutrientes para crescer e se desenvolver [...]. As plantas aquáticas na época eram retiradas e usadas na alimentação dos animais. Então, as plantas aquáticas e principalmente essa alvinha, que é essa marrequinha d’água, ia para a galinha, para o porco, eventualmente ia até para o gado”.

No módulo de *Arte e Ecologia*, quando Marcos monitorou a trilha, contou-nos uma história de tensão e conflito entre Lutzenberger e a Secretaria da Saúde, desencadeada pelo manejo dos porcos. Membros da Secretaria da Saúde disseram, em visita ao Rincão, que o chiqueiro deveria ter chão de cimento, exigência que foi retrucada pelo ecologista, que defendeu sua postura ética em relação aos animais, os quais têm o direito de viver conforme suas características próprias. Atualmente, o Rincão não possui mais produção de porcos para venda, fazendo com que no lago a produção de aguapés exceda as necessidades para as quais se destina.

O lago que fornece a água para consumo das pessoas e dos animais é o maior lago em extensão na propriedade. Criado a partir de uma grande cratera deixada na paisagem pela extração de basalto, o lago ocupa uma área de dois hectares, com uma profundidade que varia de 7 a 15 metros. A trilha ladeia o lago, passando pelos fornos de carvão, onde é produzido material para a geração da energia no Rincão Gaia, e termina na “Oca”, a primeira construção do Rincão. O monitor nos conta que Fritjof Capra e Vandana Shiva estiveram no local por ocasião da I edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, de 25 a 30 de janeiro de 2001.

“Essa aqui a gente chama de Oca e essa foi a primeira construção do Rincão. A gente faz atividades aqui também, várias inclusive. Isto aqui já foi cenário para o recebimento de visitantes ilustres que a gente teve, como a Vandana Shiva e o Fritjof Capra. Eles estiveram em atividades aqui internas”. (Marcos)

Em todo o percurso das trilhas interpretativas é enfatizada a superação do momento zero, em que o Rincão Gaia não existia e em seu lugar havia apenas os destroços de um processo de destruição e morte da natureza. A vida que emerge hoje na paisagem resulta de ideais, princípios e crenças ecológicas que se concretizaram no lugar por meio de práticas e ações humanas e não humanas ao longo de um período histórico de restauração ambiental. Mas a vitória parece fugidia, pois as forças da destruição do ambiente continuam ativas, demandando uma luta sem tréguas a ser levada em frente pelos novos ambientalistas que trilham os caminhos antes percorridos pelo fundador do Rincão Gaia e outros pioneiros do movimento ecológico. E, se o passado foi superado, o presente é apresentado como um desafio que se materializa na paisagem de monocultura de soja contígua ao Rincão Gaia. As trocas inevitáveis entre a biodiversidade praticada no Rincão Gaia e a cultura convencional das propriedades no seu entorno tornam vulneráveis as conquistas ecológicas e a reprodução do próprio Rincão Gaia, na medida em que este se torna refúgio de animais, insetos e outras formas de vida que são expulsas pela ação dos agrotóxicos e defensivos químicos aplicados à lavoura de soja. O equilíbrio interno do Rincão Gaia se encontraria, portanto, ameaçado por agentes externos, numa alusão a um processo mais amplo vivido pelo planeta como um todo.

4 – Afinar-se à *Sinfonia da Evolução Orgânica*: a transcendência no Rincão Gaia

A proximidade da ecologia à religião é um fenômeno constatado em diferentes contextos de pesquisa social. José Guilherme Cantor Magnani (1999), no estudo sobre o circuito neo-esotérico em São Paulo, aponta para a “interessante e polêmica interseção entre o universo do neo-esoterismo, a ecologia e os movimentos ambientalistas” (MAGNANI, p. 109). Se o neo-esoterismo é um terreno fértil para a ecologia, é verdadeira também a afirmação de que o ecologismo é um solo privilegiado para o desenvolvimento das novas espiritualidades:

O que parece significativo na dimensão religiosa do campo ambiental é certa expansão de uma religiosidade tradicional em direção ao que vem sendo chamado de **NOVA** consciência religiosa (Soares, 1994) ou, ainda, sendo compreendido através de uma outra noção, a do movimento New Age (Hellas, 1996; Amaral, 1998; Carozzi, 1999). (CARVALHO, 2001: 100).

No Rincão Gaia, como mencionamos acima, o seu fundador, embora avesso às práticas religiosas explícitas, vai ocupar um lugar central nos rituais ecológico-religiosos que são incorporados às atividades de educação ambiental. Se o Rincão é solo de religiosidade, contudo, não podemos deixar de indicar o impacto da negação do religioso por Lutzenberger. O seu ateísmo é um tópico recorrente nas narrativas dos educadores ambientais, contribuindo para a persistência do interesse pela religião neste lugar. Como nos lembra Roger Bastide (2006), “a morte de Deus não é necessariamente a morte do sagrado”. Se assim o é, podemos dizer que a negação da existência de um deus transcendente, por Lutzenberger, não eliminou o sagrado do seu horizonte existencial. Ao contrário, permitiu que os educadores ambientais preenchessem esta ausência de deus com novas formas de espiritualidade que operam no registro do paradigma da imanência. Este deslocamento da transcendência para a imanência vai localizar o sagrado na relação de harmonia com todos os seres que se sentem co-habitante de Gaia. É na teoria de Gaia que Lutzenberger encontra as metáforas e os conceitos para expressar “a mais profunda espiritualidade” de um ateu. Como ficou registrado na lápide, inscrita em sua sepultura:

A verdadeira, a mais profunda Espiritualidade, consiste em sentir-nos parte integrante desse maravilhoso e misterioso processo que caracteriza Gaia, nosso planeta vivo, a fantástica sinfonia da evolução orgânica que nos deu origem junto com milhões de outras espécies; é sentir-nos responsáveis por sua continuação e desdobramento. (Frase de Lutzenberger, inscrita em sua lápide).

O ponto alto de qualquer curso de educação ambiental, ministrado no Rincão Gaia, é a parada para reflexão e meditação junto à sepultura de Lutzenberger. Um espaço no bosque, com um conjunto de assentos de tocos de árvores, dispostos num semi-círculo, à sombra do pé de umbu, que foi plantado por ocasião de seu sepultamento, como o testemunho de sua presença na paisagem. A associação entre este lugar, o umbu e a continuidade de Lutzenberger após sua morte é reiterada no folder de apresentação da Fundação Gaia, onde se lê que “(seu) corpo renasce hoje no tronco, folhas e frutos dessa majestosa árvore, através da ciclagem dos nutrientes que outrora configuraram o seu ser, atraindo ainda uma diversidade de outros indivíduos de várias espécies”.

Os temas da morte e do renascimento, próprios ao discurso religioso, são mesclados com o discurso ecológico, conferindo ao criador do Rincão Gaia uma aura sagrada, que incorpora

elementos da natureza e da paisagem na sua composição. A morte de Lutzenberger e sua presença simbólica no umbu que cresceu junto a sua sepultura constituem-se, assim, em um lugar especial de trocas e sobreposições de significados e valores religiosos e ecológicos. Pudemos observar, durante os cursos e as oficinas, ora um profundo silêncio, que arrebatava os seus participantes no momento em que se aproximavam deste lugar, ora um choro contido e disfarçado que se insinuava em suas faces. O clima descontraído e lúdico que envolvia o grupo dá lugar à introspecção e seriedade, semelhante ao que se pode observar em contextos de peregrinação, quando os peregrinos adentram o santuário ou o centro sagrado de devoção.

Na narrativa dos educadores ambientais, o umbu é a forma pela qual Lutzenberger se apresenta hoje aos vivos, renascido nesta árvore. Enfim, este ritual se apresenta como o ápice de um processo paulatino de transposição que se opera nos participantes de um espaço profano para o sagrado, criando um momento único de liminaridade que aguça a percepção e a sensibilidade. Esta atmosfera acaba envolvendo os próprios pesquisadores, como podemos ver no relato de campo de William, auxiliar de pesquisa, que sente a presença do próprio Lutzenberger no pássaro que canta no galho do umbu, no momento em que o grupo se encontrava junto a sua sepultura.

O silêncio produzido pela paisagem em torno do umbuzeiro é preenchido pelos relatos dos educadores que trazem a memória de Lutzenberger. Neste sentido, ouvimos repetidas vezes no Rincão Gaia que, ainda em vida, ele havia dito que, ao morrer, queria ser reintegrado à terra. Por isso mesmo, seu corpo não deveria ser posto num túmulo de concreto, porque este dificultaria a sua absorção e integração com outros elementos orgânicos. Seu desejo, que foi cumprido pela família e pelos amigos que estiveram presentes no seu enterro, era o de que seu corpo fosse apenas coberto por um pano de algodão e depositado a cinco palmos da superfície. Assim, seu corpo serviria como matéria para outros corpos que habitam a terra, nutrindo outros seres da *sinfonia orgânica da vida*. Entre os seres que se nutrem de seu corpo, o umbu é o mais visível e emblemático, como um totem do seu renascimento na paisagem, transfigurado numa árvore.

Sinfonia Orgânica da Vida é uma das metáforas prediletas de Lutzenberger para pensar o processo da vida e da morte, em referência à teoria de Gaia. Para ele, a morte é superada na imanência orgânica da própria terra, que estabelece a integração entre tudo que vive e morre em seu corpo

planetário. Mas, se este processo é comum a todos os organismos que habitam o planeta terra, ele se manifesta de forma exemplar na morte do fundador do Rincão Gaia. Assim, a narrativa do seu sepultamento se apresenta como uma hierofania, própria da linguagem religiosa, reservada às divindades, aos santos e às forças extraordinárias que irrompem no mundo em momentos axiais. No relato de um dos educadores ambientais, que testemunhou o sepultamento de Lutzenberger, o fantástico irrompeu nas terras do Rincão Gaia no dia 15 de maio de 2002.

Amanheceu um dia normal, com algumas nuvens no céu que ao fim da manhã já o envolviam completamente. O cortejo fúnebre a pé iniciara e Lutz repousava num caixão levado por uma pampinha antiga. Quando era sepultado, alguns pingos começaram a cair e na última pá de terra... um dilúvio. Uma tempestade pegou as pessoas de surpresa que ficaram molhadas dos pés à cabeça. Ventania, árvores caíram. Parecia que as coisas aconteciam ao nosso entorno e a nós só atingia a água da chuva. Algumas pessoas correram assustadas, mas a maioria permaneceu no sepultamento. Seguiram-se, à despedida poética de Lutzenberger, muitas interpretações. Uma sugerindo que o fenômeno acontece raramente e por isso, teria sido a natureza se despedindo dele. Outra sugere que era o próprio Lutz, manifestando-se naquele adeus. As interpretações foram as mais variadas possíveis para aquele momento tão poético com o qual a gente foi brindado. (Marcos)

Ao leitor atento, não há como não perceber a aproximação do relato do sepultamento de Lutzenberger com o relato bíblico da morte de Jesus. A estrutura narrativa cristã se atualiza aqui, incorporando elementos do ideário ecológico. Uma aproximação que se dá no nível da estrutura, num processo inconsciente de identificação entre estes dois campos de práticas e crenças. Observa-se, assim, um processo subjacente ao discurso semiótico da ecologia, que opera como um *habitus* que tende a expressar as experiências vividas no campo ecológico, por meio das metáforas e figuras de linguagem de origem cristã. É neste sentido que reiteramos a importância do paradigma da corporeidade, na medida em que este chama a atenção para a dimensão cultural da experiência, de modo que, mesmo emergindo como um discurso autônomo e agnóstico, ao ser absorvido num ambiente cristão, a ecologia tende a ser vivida e a expressar-se desde o solo cultural que nos conforma como seres históricos.

5 – Reconexão, religião e cura: uma noção ecológica de saúde

Outro tema recorrente nos cursos e oficinas no Rincão Gaia é o da cura, que, ao mesmo tempo em que evoca o processo de regeneração da natureza e da paisagem do lugar, também remete para a cura dos corpos individuais dos participantes chamados a buscar a sua harmonização com o

ambiente. Os educadores, na medida em que vão narrando as histórias de revitalização e cura do lugar, vão sugerindo práticas, atitudes e estilos pessoais a serem incorporados pelos participantes no seu cotidiano, que estejam em consonância com o processo que se realizou no ambiente. Neste contexto de prevalência de um pensamento holista, a cura dos indivíduos se apresenta indissociável da cura do ambiente, uma vez que estas duas dimensões – pessoal e ambiental – se fundem num único horizonte de conexão e interdependência entre todos os seres que habitam uma determinada paisagem. Assim, a possibilidade de cura passa necessariamente pela crítica da perspectiva antropocêntrica e pela incorporação de uma visão simétrica que afirma a igualdade entre todos os seres. A conversão a esta visão, por sua vez, está ancorada na experiência de contato e proximidade com o ambiente saudável e regenerado do Rincão Gaia. Os cursos e oficinas tornam-se, assim, meios pelos quais os seus participantes vão aperfeiçoando a sua percepção das cores, das texturas das flores, das plantas, da água e dos animais enquanto seres em relação de igualdade e intimidade.

Os cursos e oficinas alcançam seu objetivo quando são capazes de proporcionar uma experiência de conexão simétrica entre os humanos e os não-humanos que interagem no ambiente. A relação almejada é a da intercorporeidade, de modo que o foco do olhar se desloca daquilo que demarca as diferenças dos seres humanos em relação aos demais seres que habitam o lugar, para as semelhanças que tornam a todos, humanos e não-humanos, compositores de uma mesma paisagem. Esta perspectiva é expressa pelos educadores ambientais como o ideal de um “igualitarismo ecológico”, que deve informar as práticas e os sentimentos dos ambientalistas. Neste sentido, Tereza, uma das educadoras do curso sobre plantas terapêuticas, advertia aos participantes que “é preciso desenvolver o cultivo de uma atenção para as *afinidades* entre todos os habitantes da paisagem”. Esta atenção vai permitir que se possa relacionar com os seres não-humanos como “amigos e amigas especiais” e ouvir o *chamado* das plantas, dos animais, das cores e das texturas, que convidam a uma comunicação entre humanos e não-humanos.

Considerações finais

Em *The figure in the aboriginal landscape* (2006), um dos capítulos da coletânea *The anthropology of space and place*, Nancy Munn estabelece um contraste entre a experiência dos

aborígenes australianos, sujeitos de seu texto, e a dos arquitetos e paisagistas que projetaram o Central Parque de Nova Iorque. Para a autora, em ambos os contextos, há uma relação a ser destacada entre as performances dos sujeitos presentes nestes espaços e a conformação da paisagem. Assim, se os aborígenes percebem a paisagem como parte constitutiva dos seus mitos e condição para a realização dos seus rituais, os modernos habitantes nova-iorquinos e os seus visitantes encontram na arquitetura do Central Parque o cenário em que é possível posicionar-se como atores, deixando-se ser “afetados pela influência poética de certas qualidades das cenas que têm o poder de agir nos estados íntimos das pessoas (*of being or mind*), e tornar a vida ‘saudável e feliz’ na cidade” (MUNN 2006, p. 102). Esta mesma virtualidade e agência da paisagem pudemos observar no processo de educação ambiental nas experiências que analisamos ao longo deste texto. Como buscamos demonstrar, o Rincão Gaia, pela sua *topografia cênica*, constitui-se numa paisagem privilegiada onde uma determinada ascese ecológica vem sendo disseminada pelos cursos e oficinas de educação ambiental, assim como pelas atividades turísticas que são realizadas no local por meio de visitas guiadas. A consolidação e reprodução de um *habitus ecológico* são potencializadas pela imersão dos participantes dos cursos e oficinas e pelos visitantes na paisagem local.

É esta condição de paisagem ecológica restaurada que imprime no Rincão Gaia uma força capaz de afetar a intimidade dos sujeitos que o procuram como lugar de conversão ou confirmação de convicções compartilhadas por certo ideário do movimento ambiental. Estar no Rincão Gaia proporciona uma experiência de comunhão com uma paisagem local e remete os sujeitos a uma dimensão global e planetária. Os marcadores físicos presentes na paisagem e os sentidos reiterados nas narrativas dos educadores ambientais e nos textos de divulgação turística tornam o Rincão Gaia um lugar privilegiado de corporeificação de uma certa cultura ecológica. Cultura esta que abarca valores, sentimentos, visões de mundo e experiências pessoais e coletivas em que os sentidos da ecologia, como vimos no decorrer deste texto, se imbricam com os sentidos da espiritualidade e da saúde.

Há, no Rincão Gaia, uma potencialidade que reside na sua capacidade de energizar as pessoas por meio da imersão dos seus visitantes num ambiente ecologicamente restaurado. A intenção do seu criador se atualiza tanto na paisagem, que guarda a memória de sua ação neste ambiente, quanto nas

falas e ditos sobre o local. Os participantes dos cursos e oficinas e os visitantes não são convidados apenas a contemplar uma paisagem agradável e bonita, mas a se integrar nela, deixando que as qualidades que emergem de sua natureza, ou que lhe foram impressas pela ação humana, sejam experimentadas de uma forma corporal e íntima. Enfim, as atividades no Rincão Gaia poderiam ser compreendidas a partir do conceito de *modos somáticos de atenção*, que Csordas expressa como “maneiras culturalmente elaboradas de se estar atento *a* e *com* o corpo em ambientes que incluem a presença corporificada de outros” (CSORDAS 2008, p. 372). Contudo, acreditamos que há uma especificidade na noção de corporeidade nas práticas ecológicas, a de que a sua abrangência se estende para a paisagem, incluindo na intercorporeidade não somente os humanos, mas também os demais seres que habitam o mundo.

Referências

- AMARAL, Leila. Sincretismo em movimento – O estilo Nova Era de lidar com o sagrado. In *A Nova Era no Mercosul* (org) Carozzi, María Julia. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- CAROZZI, María Julia. *Definiciones de la New Age desde las Ciencias Sociales*. Boletín de Lecturas Sociales y Económicas. UCA. FCSE. Año 2, nº 5. 1995.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2a.ed. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- _____. Os sentidos do ambiental: a contribuição da hermenêutica à pedagogia da complexidade. In: Enrique Leff. (Org.). *A complexidade ambiental*. 1ªed. São Paulo, Blumenau, 2003, v., p. 99-120.
- _____. e STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a ‘naturalização’ do sagrado – aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambient. Soc. [online]*. 2008, vol. 11, n. 2, PP. 289-305.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John L. Naturalizando a nação: estrangeiros, apocalipse e o Estado pós-colonial. *Horizontes. antropológicos.*, Jul 2001, vol.7, no.15, p.57-106
- CSORDAS, Thomas. *Corpo/Cura/Significado*. Editora da UFRGS, 2008.
- INGOLD, Tim. *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*. London/New York: Routledge, 2000.
- _____. Jornada ao longo de um caminho de vida. In *Religião e Sociedade*, 25/1: 76-111. 2005.
- LOVELOCK, James. *Gaia – A new look at Life on Earth*. Oxford University Press, Oxford, 1979.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Mystica Urbe: Um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole*. São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

- _____. *O olho e o espírito*. Rio de Janeiro: Grifo, 1969.
- _____. *A fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MUNN, Nancy. Excluded Spaces: The figure in the Australian Aboriginal Landscape. In: Setha, Low and Lawrence-Zúñiga, Denise. *The anthropology of space and place*. Oxford, 2006, p. 96-109.
- SOARES, Luiz Eduardo. Religioso por natureza: cultura alternativa e misticismo ecológico no Brasil. In *O rigor da disciplina*, editado por L. E. Soares. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.
- TASSARA, Eda (org) *Dicionário Socioambiental*; idéias, definições e conceitos. São Paulo, Faarte Editora, 2008.